

Versos de orgulho de uma mulher indecorosa: Dor e redenção em Florbela Espanca Verses of pride by an unseemly woman: Pain and redemption in Florbela Espanca

JONAS LEITE¹

Resumo: Segundo José Régio, a personalidade de Florbela Espanca era marcada por uma postura extremamente orgulhosa de si. Em vida, a artista amargou uma recepção crítica bastante preconceituosa, ditada por uma série de preconceitos imputados à mulher. Partindo dessa faceta, com a consciência de que a Poesia de Florbela Espanca possui várias vertentes interpretativas, propomos um breve estudo dos sonetos *Versos de orgulho* e *O meu orgulho*, para evidenciar duas forças de criação que perpassam a poética da escritora: a Dor e a Redenção.

Palavras-chaves: Florbela Espanca; dor; redenção.

Abstract: According to José Régio, the personality of Florbela Espanca was marked by an attitude extremely proud of itself. In her life, the artist sank a critical reception that was quite prejudiced, dictated by a series of prejudices attributed to the woman. Starting from this facet, with the awareness that the Poetry of Florbela Espanca has several interpretative strands, we propose a brief study of the sonnets *Versos de orgulho* and *O meu orgulho*, to highlight two creative forces that permeate the poetic of the writer: Pain and Redemption.

Keywords: Florbela Espanca; pain; redemption.

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Está escrito que hei-de ser sempre
a mesma eterna isolada... Porquê?
(Espanca, 1981: 57)

Segundo Maria Lúcia Dal Farra (1996: IX), duas mulheres em Portugal só puderam receber a devida coroa de Rainha depois de mortas. A primeira foi Inês de Castro, a segunda, Florbela Espanca, maior voz feminina da Literatura Portuguesa do século xx. Incompreendida pela crítica literária de sua época, esta autora amargou em vida o pesado fado de escritora blasfema e mulher indecorosa, num processo contínuo de detratações que perpassam desde os reveses de seu nascimento, até a sua morte, intensificado ainda com os divórcios que requereu.

Florbela sofreu um duplo processo difamatório, do qual, vida e arte, as duas metades da face da artista, foram maceradas pelo código moral e literário português dos primeiros quartéis do século xx, que não permitia à mulher as posturas adotadas por ela, seja em relação aos seus temas literários, seja em virtude de não se importar com as adequações estabelecidas pela sociedade no tocante ao casamento e à posição feminina daquela época, transgredindo aos parâmetros a ela impostos.

Sendo assim, em se tratando do lado artístico, a crítica que recepcionou sua obra em vida, buscou encontrar na obra poética os indícios da imagem de uma autora sobre a qual repousavam os movimentos de uma moral burguesa e excessivamente religiosa em Por-

tugal de inícios do século xx, recém-saído do regime monárquico. Nessa conjuntura, a obra da artista era lida, conforme já pontuou, contundentemente, Maria Lúcia Dal Farra, sob este crivo, ou ainda sob os espectros de uma poesia de «senhoras», ou seja, menor. Vale a pena reproduzir o cotejo, mesmo que pese a longa citação:

Ignorada por completo pelo público leitor e pela crítica, sua obra tinha sido vagamente saudada na altura, pelos comentaristas de plantão, como mais uma das (abundantes e inexpressivas) flores do galante ramalhete das poesias de salão, onde, logo mais, se iniciaria o fulgurante (e hoje absolutamente esquecido) reinado de Virginia Victorino. Deveras; o *Correio da Manhã* parabenizava alegremente, através de Florbela, o «continente de senhoras» poetisas que «cresce dia a dia», aclamando-as e considerando serem sempre «bem-vindas quando, como esta saibam versejar»!

[...]

Mas, por entre esse coro afinado de pasma-
ceiras, Florbela tivera a oportunidade de co-
nhecer o solo de uma voz, cujo reacionarismo
pontuava solto com saliências de prima-dona,
e no qual a complacência preconceituosa era
substituída pelo seu reverso: a indignação.
O jornal lisboeta católico *A Época* acusava o
Livro de «Sóror Saudade» de «revoltamente
pagão» e «digno de ser recitado em honra da
Vênus impudica!» Florbela «blasfema», tem
atitude de «requintada voluptuosidade», de
típica «escrava de harém» porque nem sea
quer chegou a descobrir «o tesouro escondido
no Evangelho»! Era preciso, pois, infringir a

ela que purificasse, com «carvão ardente», os «lábios, literalmente manchados», e que pedissem «perdão» a Deus por ter feito «mau emprego» das aptidões a galardeara... O diretor J. Fernando de Souza, escondido no pseudônimo de «Nemo», terminava o artigo — e, este sim, deve ter queimado a vista da poetisa! — esclarecendo: «Com pesar afirmo que é um livro mau o seu, um livro *desmoralizador*».

(Dal Farra, 1996: IX-XI)

Doutra banda, em relação ao lado pessoal, para além dos divórcios que requereu, o que lhe trouxe a pecha de mulher vulgar, Florbela ainda amargou outra detratção, quiçá a mais equivocada: a fama de incestuosa. Verdadeira atitude incompreensível por partes daqueles que, a todo custo, queriam encontrar na vida da escritora algum crime abominável, no afã de salvaguardar a moralidade que a figura de Florbela abalava, pois amava imensamente o seu único irmão, nascido na mesma conjuntura que ela: fruto de um caso de João Espanca, seu pai, com a empregada da casa, Antónia Lobo, sob o olhar e permissão de Mariana Ingleza, sua madrastra, que criou e educou seus dois afilhados. Além dos laços fraternais, o amor de Florbela perpassava essa naturalidade de amor entre irmãos: os dois, filhos da mesma história, comungaram as desventuras de seus nascimentos, sob o signo de «filhos incógnitos de pai desconhecido», mesmo tendo recebido o inteiro amor e dedicação de seu pai e de sua madrastra. O código moral e religioso não conseguiu afastá-los do seio familiar, mas lhe

imprimiram a marca indelével da imoralidade, consubstanciada pela relação amasiada de João Espanca e Antónia Lobo.

Dessas conjunturas, restou ser para Florbela (em vida), na sociedade portuguesa de então, o fracasso enquanto escritora, muito, em virtude do que foi aludido. Depois de sua morte, foram diversas as apropriações de sua obra, muito na tentativa de relacionar vida e obra em um prisma que, na maioria das vezes, refletia uma atitude para além de uma leitura íntegra, haja vista a possibilidade de auferir lucro com a venda de livros, impulsionada com associações mecânicas e simplistas.

1. Versos de orgulho: o triunfo de uma escritora

«O mundo quer-me mal porque ninguém/ Tem asas como eu tenho!» (Espanca, 1996: 210), em «Versos de orgulho», Florbela resume sua personalidade e o que recebera em vida, por parte da sociedade em que vivia: orgulho e desprezo, respectivamente. Divorciada mais de uma vez, Florbela passou a ser, além da poetisa blasfemadora, *persona non grata* nas rodas e ambientes sociais. O divórcio em Portugal foi introduzido com a queda da monarquia, em 1910. Em 1921, Florbela se divorciara de seu primeiro marido, Alberto Moutinho, no entanto, mesmo com a disposição legal que dava o mesmo tratamento ao homem e à mulher, o expediente era extremamente masculino, não sendo de bom tom, para «mulheres de bem» lançar mão do direito de se afastar do ma-

rido. Diante dessa conjuntura, Florbela passou a ser diuturnamente atacada, tanto pela sua história pessoal — já marcada pelos reveses de seu nascimento, visto ser fruto de uma relação adulterina, mesmo que consentida pela esposa de seu pai — quanto pela sua poesia, que feria os brios de setores mais ortodoxos de seu país. E, não era fácil permanecer imune, forte e altiva em um castelo, para si própria erigido, como uma donzela que a tudo pode observar do alto de uma torre.

Florbela era extremamente orgulhosa para deixar se render aos ataques que recebera. É assim que, no soneto acima aludido — como em tantos outros —, a escritora se compara a uma princesa em um mundo cheio de plebeus — «Porque Deus/ me fez nascer Princesa entre plebeus/ Numa torre de orgulho e de desdém» (Espanca, 1996: X) —, defendendo-se poeticamente das detratações que amargava, ao afirma-se sua diferença: antes de tudo ela é «Alguém» que possui «asas».

Ser princesa, portanto, é cumprir um destino ditado por Deus, que a eleva à condição de superioridade — ainda mais quando se é princesa «entre» os plebeus —, inscrita na multiplicidade de palavras indicadoras de uma semântica da ascensão, propiciadora de um movimento para o alto, para o Infinito que fecha o soneto. Há, portando, uma verdadeira inversão dos papéis sociais que lhe foram determinados, modificando, na ótica da escritora, a sua visão de ser no mundo, confirmando

aquilo que José Régio já havia pontuado sobre a personalidade de Florbela, quando resolutamente afirma que ela «gosta demasiado de si mesma» (Régio, 1982: 11-31).

Nessa perspectiva, um trecho de uma carta, datada de 15 de janeiro de 1920, enviada ao amigo Augusto d'Esaguy, denota o tratamento dispensado por Florbela às pessoas que, de alguma forma, não lhe agradam, em virtude de uma personalidade ditada ao sabor de um orgulho deveras arraigado:

Sou egoísta? Serei, mas como eu sou sincera! No mundo, passo por todos, vendo alguns; na vida esqueço-me de quase todos, esquecendo-me de mim. Quase tudo me é indiferente. Aqueles com quem lido dão-me às vezes a ideia de sombras, de fantasmas, de manequins, não me parecem igual a mim, e tenho às vezes a impressão que toda essa gente que passa por mim nas ruas, vai desaparecer como figurantes de mágicas. Sou talvez uma banal menina, ou uma simples «détraquée» que tem contas com a medicina... Talvez... não temos então o direito de gritar a nossa dor, o nosso desespero, o nosso tédio, porquê? (Espanca, 1986: 231)

Desta feita, esse amor próprio, paradoxalmente, quando macerado às desventuras que experimentou, imprimia-lhe um traço bastante distintivo: o orgulho. E é por ele que Florbela não se deixou abater, ou tentou não se deixar, em defensivas poéticas que sinalizavam essa característica, como bem se pode verificar, em sua definição bastante própria de

mundo, dada em tom dialogal para o destinatário do poema, revelado no nono verso: o mundo é o «jardim dos meus versos todo em flor...» É assim que, pela sua atividade poética, o mundo é demarcado, apontando para a transcendência artística.

Há, no seu *diário íntimo*, uma passagem bastante pertinente que aponta para esse traço de sua personalidade, bem como externa a imagem que a escritora tinha de si, muito distante da figura que dela se tinha desenhado. Antes de apresentarmos o excerto, é necessário salientar, a título de reforço, que o tal escrito foi produzido em 1930, último ano de vida da escritora, o que lhe imprime um carácter conclusivo e reflexivo, das experiências vivenciadas e dos insultos a ela dispensados, desde a publicação do *Livro de mágoas* (1919). Em nota datada de 12 de janeiro de 1930, Florbela escreve:

Viver não é parar: é continuamente renascer. As cinzas não aquecem; as águas estagnadas cheiram mal. Bela! Bela! Não vale recordar o passado! O que tu foste, só tu o sabes: uma corajosa rapariga, sempre sincera para consigo mesma. E consola-te, que esse pouco já é alguma coisa. Lembra-te que detestas os truques e os prestidigitadores. Não há em tua vida um só acto covarde, pois não? Então que mais queres, num mundo que toda gente o é... mais ou menos? Honesta sem preconceitos, amorosa sem luxúria, casta sem formalidades, recta sem princípios e sempre viva, exaltantemente viva, miraculosamente viva, a palpitar

de seiva quente como as flores selvagens da tua bárbara charneca! (Espanca, 1981: 35)

Ademais, outra passagem, também do *diário*, desta feita do dia 19 de fevereiro de 1930, salienta o modo como a escritora se enxergava, nesse mesmo meandro do amor-próprio, evidenciado pelo signo do orgulho:

Que me importa a estima dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a mediocridade do mundo se *Eu sou Eu*? Que me importa o desalento da vida se há a morte? Com tantas riquezas porque sentir-me pobre? [...] então isto não é nada? Napoleão de saias, que impérios desejas? Que mundos queres conquistar? (Espanca, 1981: 49)

Especificamente, tal passagem do *diário* dialoga com o soneto «Versos de orgulho», («Porque o meu Reino fica para além... / Porque trago no olhar os vastos céus? E os oiros e clarões são todos meus! / Porque Eu sou Eu e porque Eu sou alguém!») no sentido em que, em situações e em suportes diferentes, repete-se a mesma expressão «Eu sou Eu», para se referir a uma postura de autoafirmação frente a um panorama degradante. E, em certa medida, infere-se a presença dessa imagem cristalizada nas retinas da escrita: ser alguém no mundo, uma princesa em meio aos plebeus, especificamente. Aclarando, pois, aquilo que fora afirmado por José Régio, sobre a estima de Florbela por si mesma.

Chega-se, portando, em um ponto chave desta análise: quando, por fim, Florbela encontrará o triunfo, a grandeza e os dias de glória, que na vida tanto almejou? Quando a Dor, essa eterna companhia, se tornará apenas uma pálida lembrança?

Nesse sentido, o caminho para a Redenção atravessa, antes de qualquer aspiração à salvação, o reconhecimento da Dor, numa postura que não permite autocomiseração, mas a compreensão de um estágio o qual não pode evitar, no entanto, subverter a ordem da Dor se afigura como saída e via para o seu triunfo. Tal reconhecimento é a pedra fundamental que lança as balizas para a concretude da Redenção. Se não fosse assim, o sentimento redentor seria, de certa forma, apenas um estado de espírito, numa atitude de quem, em pouco tempo, experimenta um estado bipolar de tristeza e alegria.

Portanto, a Dor representada por Florbela em seus poemas remonta aos lugares mais recônditos de sua existência, e se afigura não como um sentimento sazonal, ou mesmo, uma questão pontual de tristeza, mas como um estado-ser de viver que modula a sua vida ao ponto de transformá-la em alguém macerada pela Dor, e, em decorrência disso, podemos afirmar que a força motriz de sua produção é alicerçada nesse sentimento,

[...] porque, malgrado tudo o que encerre de sofrimento, mágoa, contrariedade e força

rejeitada, exprime, em contrapartida, uma identificação de gênero, é coisa de mulher – valor, portando, inabdicável. Assim, contrariamente ao corrente, «a dor na vida» representa um supremo bem, visto que é a matéria prima, a força produtiva de seus poemas. (Dal Farra, 2002: 22)

Não obstante essa característica, a configuração complexa de sua personalidade, estabelecida no orgulho, como já pontuamos, não permitia disfarces de felicidades espontâneas, nem autocomiseração pela sua situação condoída, mas o reconhecimento daquilo que a feria. Por isso, reiteramos: não há estados de espíritos modulados ao gosto de uma situação que permitisse a alegria ou a tristeza. O que há, de fato, é a concretude da Dor, e, quando superada, uma Redenção verdadeira – ambas marcadas pela sua condição de mulher desejante, capaz de encontrar a Redenção nos «êxtases», nos «sonhos», nos «cansaços» do enlace amoroso que, por fim, apontaria para a infinitude dos corpos celestes.

A Dor, pois, é o caminho espinhoso que se percorre para, por fim, encontrar a glória, se afinando com aquilo que pontuou Fernando Pessoa em «Mar português» – «Quem quer passar além do Bojador / tem que passar além da dor./ Deus ao mar o perigo e o abismo deu, / Mas nele é que espelhou o céu» (Pessoa, 2014: 55) –, ao condicionar o triunfo à estrada da dor.

Em «O meu orgulho», a Redenção é fincada num orgulho que reagrupa a ordem da solidão: recordar quem lhe esquece, clímax do reconhecimento da Dor, a faz cair em um fosso de desilusão. No entanto, entra em cena a ação de um orgulho próprio, de manutenção de seus brios, ditando que a sua condição não é motivo de tristeza, pois também «é nobreza não ter nada»:

São sempre os que eu recordo que me esquecem...

Mas digo para mim: «Não me merecem...»

E já não fico tão abandonada!

Sinto que valho mais, mais pobrezinha:

Que também é orgulho ser sozinha

E também é nobreza não ter nada!

(Espanca, 1996: 175)

Nesse soneto em específico, a Redenção beira uma busca de uma dignidade que se vislumbra aviltada, mas, que de forma alguma, em decorrência da personalidade extremamente orgulhosa, poderá ser atingida. Por isso, que o começo da Redenção se dá na autoafirmação que aqueles que são recordados, por a esquecerem, não a merecem. A partir daí, já não há mais abandono, pois «também é orgulho ser sozinha».

Por fim, o que salta aos olhos é a atitude heroica de Florbela em não se abater frente às suas decepções e aos padrões morais (que pouca a importavam se fosse para transgredi-los), cuja recusa acabou legando à autora uma extensa

rota de detratações — mesmo após a sua morte. A Redenção nada mais foi em sua vida do que a tentativa de manter a sua dignidade de escritora e integridade de mulher, ditadas, ambas, por um orgulho que sempre, em sua vida, falou mais alto. Mais alto que qualquer Dor, sentida ou fingida poeticamente.

Bibliografia

Dal Farra, M. (1996). *Florbela: Um caso feminino e poético*. Martins Fontes. São Paulo;

Dal Farra, M. (Org.). (2002). *Florbela, a institucional*. Em: F. Espanca, *Afinado desconcerto (contos, cartas, diário)*. (Estudo introdutório, org., apres. e notas M. Dal Farra). Iluminuras. São Paulo;

Espanca, F. (1981). *Diário do último ano*. Livraria Bertrand. Amadora;

Espanca, F. (1986). *Cartas (1906-1922)*. Dom Quixote. Lisboa;

Espanca, F. (1996). *Poemas*. Martins Fontes. São Paulo;

Pessoa, F. (2014). *Mensagem*. Edições de Janeiro. Rio de Janeiro;

Régio, J. (1982). *Sobre o caso e a arte de Florbela Espanca*. Difel. São Paulo.